

Gênero, sexualidade e regionalidade: problematizando o trabalho sexual no sertão nordestino

Kalline Lira¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar o trabalho sexual em duas cidades do sertão nordestino. A partir de uma abordagem qualitativa, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco pessoas que tem como fonte de renda principal o trabalho sexual. Para análise, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, por meio de quatro categorias temáticas. Os dados apontam que o trabalho sexual nas cidades sertanejas apresentam singularidades, principalmente no que concernem às condições de trabalho e às trajetórias de vida dos/as profissionais. Os discursos apontam que a entrada no trabalho sexual não aconteceu a partir de força ou chantagem, embora haja situações de violência no cotidiano dos/as profissionais. Esse estudo inicial indica que é preciso desnaturalizar papéis de gênero e de figuras regionais, para pensar a/o sertaneja/o de forma a não reforçar a imagem da fêmea masculinizada e do macho valente e viril. Conclui-se que, para a análise, é fundamental a intersecção dos marcadores sociais da diferença entre gênero, sexualidade e regionalidade, que definem as configurações do trabalho sexual no sertão nordestino.

Palavras-chave: Trabalho sexual. Gênero. Sexualidade. Regionalidade.

Gender, sexuality and regionality: problematizing sex work in the northeastern hinterland

Abstract

This article aims to analyze sex work in two cities in the northeastern hinterland. Based on a qualitative approach, the data collection was carried out through semi-structured interviews with five people who have sex work as their main source of income. For analysis, the technique of content analysis was used, through four thematic categories. The data show that sex work in rural cities has peculiarities, especially with regard to working conditions and life trajectories of professionals. The speeches point out that the entrance into sex work did not happen through force or blackmail, although there are situations of violence in the daily lives of professionals. This initial study indicates that it is necessary to denaturalize gender roles and regional figures, in order to think of the sertanejo so as not to reinforce the image of the masculinized female and the brave and virile male. It is concluded that, for the analysis, it is fundamental to intersect the social markers of the difference between gender, sexuality and regionality, which define the configurations of sex work in the northeastern hinterland.

Keywords: Sex work. Gender. Sexuality. Regionality.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

[...] Sabemos que a prostituta é também um ser humano/ que por uma ilusão, fraqueza ou desengano/ o seu viver é volúvel, sempre abraça ao engano./ Vive metida em orgia e cheia de vaidade/ é raro uma que trabalha e usa honestidade/ por isso fica odiada perante a sociedade./ [...] Falar sobre prostituta é um caso muito sério/ que é um ser sofredor, sua vida é de mistério/ e para sobreviver sempre usa o adultério./ Perante a sociedade ela é marginalizada/ existe umas mais calmas e outras mais depravadas/ e quem tem mais ódio delas é a própria mulher casada./ Ela vive aqui na terra enfrentando um sacrifício/ se vende para os homens, muitas se entrega no vício/ e nova se estraga e faz da miséria ofício.

(Cordel “A chegada da prostituta no céu”, de J. Borges).

Em algumas civilizações na Antiguidade, segundo Pisani (2011), a prostituição era praticada por meninas após a puberdade, marcando assim o início da vida adulta. No Egito, Mesopotâmia e Grécia, as prostitutas eram consideradas sacerdotisas que recebiam o sexo como um ritual sagrado. Já no domínio cultural greco-romano tiveram que pagar impostos ao Estado para trabalharem.

Ainda conforme Pisani (2011), na Idade Média a prostituição foi regulamentada. No entanto, com a reforma e contrarreforma religiosa ocorridas no século XVI, baseados em dogmas religiosos, a prostituição foi marginalizada. O autor ainda pontua que a prostituição cresceu com a aglomeração urbana provocada pela Revolução Industrial. Nesta época também aumentou o tráfico sexual de mulheres e crianças.

Ultimamente, grande parte das culturas tem posições conflitantes sobre a prostituição. O Brasil, por exemplo, criminaliza o rufianismo, o tráfico de mulheres e estabelecimentos de casas de prostituição²; por outro lado, legaliza

o ato de prostituir-se³. Ou seja, é permitido ser prostituta/o, mas é ilegal ter locais privados para prostituição. Assim, a sociedade brasileira pune e segrega a/o prostituta/o (principalmente mulheres e travestis) como se a prostituição fosse resultado de alguma condição interna, não levando em conta as questões sociais, culturais e econômicas.

A pesquisa aqui exposta parte do pressuposto que os sujeitos apresentados são profissionais do sexo, enquanto trabalhadores/as. Assumir essa posição crítica ao julgamento moral em relação à prostituição é importante, pois, segundo Sorj (1995, p. 10): “Mesmo que esta nova concepção ainda não seja predominante, nem no conjunto da categoria nem na sociedade, ou mesmo que sua institucionalização possa sofrer idas e vindas, a percepção da prostituta como trabalhadora já faz parte do léxico político atual”.

Esta pesquisa teve como intuito analisar o trabalho sexual em duas cidades do sertão nordestino. Para efeitos da pesquisa, quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois tem o intuito de levantar as opiniões, atitudes e crenças de um grupo de sujeitos; e quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa de campo, que procura conseguir informações sobre um tema para o qual se procura uma resposta, através da coleta e análise dos dados num determinado lócus escolhido (LAKATOS; MARCONI, 2017).

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, e foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo. Para Bardin (2011), essa técnica constitui-se na análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem. A proposta é inferir os conhecimentos de produção e recepção das mensagens. Foram utilizados como fonte de dados os discursos das/os entrevistadas/os: quatro mulheres e um homem, todas/os acima de 18 anos e que tem como principal fonte de renda o trabalho sexual.

A região escolhida para a pesquisa foi o Sertão do Araripe, por ser local de trabalho da pesquisadora. A região está situada na extremidade noroeste

2 A Lei nº 12.015/2009 alterou o Código Penal no que se refere aos crimes hediondos, incluindo o favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual, bem como a manutenção de estabelecimentos em que ocorra a exploração, com ou sem intuito de lucro pelo/a proprietário/a.

3 A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) registra a atividade de profissionais do sexo no grande grupo de prestadores de serviços. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 05 out. 2020.

do estado de Pernambuco, limitando-se com os estados do Ceará e Piauí e com as regiões Sertão Central e Sertão do São Francisco, localizando-se na porção mais ocidental de Pernambuco e faz parte do semiárido nordestino. A média das distâncias para a capital, Recife, é de 573,3 km. O Araripe é composto por dez municípios: Ouricuri, Bodocó, Exu, Granito, Moreilândia, Santa Cruz, Santa Filomena, Trindade, Ipubi e Araripina. Ao atuar num órgão estadual de atendimento às pessoas com direitos violados, e de abrangência regional, a pesquisadora conheceu e trabalhou nas dez cidades.

Dentre os municípios, destacam-se as cidades de Ouricuri e Araripina, como polos regionais. Segundo dados do IBGE (2010), 50,7% da população de Ouricuri são mulheres; 49,35% da população geral reside na zona rural; e 63,5% são de cor parda. Pouco mais de 40% da população estava abaixo da linha da indigência (menos de ¼ do salário mínimo). Em Araripina, 51% da população são mulheres; 39,32% da população geral reside na zona rural; e 62,8% são de cor parda. Em ambas, a renda média mensal da população rural é pouco mais da metade da população urbana. No geral, 34,7% da população está abaixo da linha da indigência.

A região tem uma população estimada pelo último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) de 313.547 habitantes, que corresponde a 3,56% da população estadual e área de 11.613,76 km², que representa 11,81% do território estadual, com uma densidade demográfica de 27 hab./km². Distingue-se pela exploração e beneficiamento da gipsita no Polo Gesseiro, responsável por 95% da produção brasileira. Praticamente todos os municípios dependem da atividade gesseira. Destacam-se ainda a caprinovinocultura, a produção de mandioca e a apicultura, sendo a maior região produtora de mel do estado.

Nos municípios do Sertão do Araripe, a zona urbana costuma ser menor geograficamente do que a zona rural. Em alguns, a maioria da população reside na zona rural, diferente de Ouricuri e Araripina. As áreas centrais destas duas cidades são compostas principalmente pelo

comércio local, praças, igrejas, alguns órgãos governamentais, bares, restaurantes, escolas, além de residências. Ao morar em um dos municípios polo, a pesquisadora pode caminhar pela cidade e conhecer bares, lanchonetes, restaurantes e praças. A partir da atuação em um órgão de atendimento às pessoas com direitos violados, foi possível conhecer tanto as zonas urbanas quanto as zonas rurais dos municípios. Porém, no momento deste estudo, a pesquisadora atuava apenas nos dois municípios polos. Assim, devido à dificuldade de contatar possíveis sujeitos, além da dificuldade de locomoção, a pesquisa foi restringida à zona urbana das duas cidades polos.

Sertão de fome e seca – o que é o Sertão?

Para compreendermos a construção da identidade das/os trabalhadoras/es sexuais no sertão, iniciamos com problematizações acerca dessa região. Segundo Amado (1995), o termo “sertão” tem diversos significados, de acordo com o momento histórico nacional, conhecido desde antes da chegada dos portugueses ao Brasil. A autora ressalta que outros locais do território brasileiro também já foram incluídos na categoria “sertão”, mas com o passar do tempo, o termo foi assimilado especificamente a uma determinada região no Nordeste do país. Com o avanço da colonização, a ocupação territorial do Brasil foi mais presente no litoral, onde estavam as principais atividades econômicas, sendo desenvolvido como um espaço privilegiado. Assim, o termo “sertão”, foi inicialmente usado em oposição ao litoral, considerado como “terras sem fé, sem lei ou rei” (AMADO, 1995, p. 6).

Geograficamente, a região semiárida encontra-se em grande parte dos estados do Piauí, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e uma pequena parte dos estados de Alagoas, Sergipe e Minas Gerais. Segundo o cadastro de municípios pertencentes a essa região do Brasil, a delimitação utiliza os critérios de risco de seca superior a 60% e índice de aridez de até 0,50. De forma geral, compreende-se a região a partir da escassez e má distribuição de chuvas durante o ano, com a existência de longos

períodos de seca (IBGE, 2014). A Resolução nº 115/2017 acrescentou dois municípios no estado do Maranhão entre os integrantes desse território, sendo este o único estado nordestino que não fazia parte da região semiárida. Com a inclusão de mais 47 municípios em outros estados, a Resolução aponta 1.262 municípios integrados à área (BRASIL, 2017).

Para Alves (2009), a seca é um importante marcador para compreendermos as construções discursivas sobre o sertão nordestino. Segundo o autor, foi a partir da grande seca de 1877, até o início do século XX, que o sertão passou a ser divulgado como assunto jornalístico e literário, através de relatos e imagens que determinaram a definição do que era o Nordeste. Assim, o sertão foi apresentado como um lugar devastado pela seca, considerada um problema social, não apenas por ter causado a morte de quase meio milhão de pessoas, além de ter forçado a mudança de dois milhões, mas principalmente porque criou um drama social moderno.

Conforme Amado (1995, p. 1), já no século XX, o IBGE estabelece o sertão como “uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das outras duas, a saber ‘agreste’ e ‘zona da mata’”. Assim, um imaginário de fome e miséria, então, foi sendo construído em relação ao sertão, bem como a toda a região nordestina. Por consequência, não é tão surpreendente que áreas que antes eram consideradas pertencentes ao sertão, como o Vale do Paraíba em São Paulo, não sejam mais. Para Albuquerque Jr. (2009, p. 27), os territórios de existência são imagéticos, pois “nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas”. Neste sentido, a existência do sertão não é necessariamente real, mas criada, onde as pessoas se identificam com o lugar e com figuras do passado, que são reelaboradas constantemente.

Segundo Castro (1992), o sertão vem sendo apresentado historicamente a partir de uma conscientização coletiva das dificuldades, entendidas como inerentes ao meio, relacionadas principalmente ao clima. Dessa forma, a seca e a fome são características comuns na região, mas

a especificidade está em como seus elementos se relacionam para produzir a diferença. A autora afirma que o imaginário da seca nordestina, apontada como uma tragédia social e econômica, demanda inúmeras reflexões, isto porque as diferenças sociais e econômicas precisam ser interpretadas também como produto ou fator político, pois o espaço nacional é organizado e construído histórica e politicamente. Neste sentido, as diferenças espaciais precisam ser abordadas como fruto de decisões políticas.

A partir de uma perspectiva de estudos que problematiza a produção histórico-social de regiões geográficas, o sertão é aqui entendido como uma configuração de saber/poder, uma espacialidade que foi constituída como homogênea, coerente, o “Outro” do Brasil (ALBUQUERQUE JR., 2009). Segundo Foucault (1979), qualquer questionamento sobre noções geográficas envolve conceitos de saber, poder, ciência, formação discursiva. As metáforas espaciais (posição, deslocamento, lugar, campo) e as metáforas geográficas (território, solo, horizonte, paisagens) não são noções “verdadeiramente geográficas”, pois a região é uma noção jurídico-política controlada por um poder.

Uma das estratégias que se abrem na afirmação das fronteiras territoriais é a constituição de uma identidade. Para Foucault, as regiões, assim como os indivíduos, com suas características e suas identidades tidas como fixas são produtos de uma “relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 1979, p. 161-162). Assim, o espaço, bem como as pessoas, não é algo fixo, morto e imóvel. As referências sobre a falta de água e o difícil acesso à terra produtiva não aparecem, inicialmente, nas produções sobre o sertão. Porém, posteriormente, foi-se naturalizando a seca geográfica a uma “vida seca”, incidindo na construção dos corpos sertanejos como a representação fidedigna da seca.

Sertão de “cabra-macho” – quem é a/o sertaneja/o?

Uma premissa é fundamental para o entendimento deste texto: o sertão, para além de

ser um recorte espacial, também é uma construção social. No entanto, é imprescindível não o limitar ao discurso das secas e de um lugar de fome e miséria, conforme pontuado no tópico anterior. Segundo Brandão (2008), são muitos os sertões, e conseqüentemente, muitos os tipos de sertanejas/os. O imaginário social da/o sertaneja/o está associado a valores morais rígidos e tradicionais, vistas/os como pessoas sérias, trabalhadoras, centradas na vida familiar e apegadas à terra.

Durante muito tempo, o “ser homem” no Nordeste esteve no imaginário social ligado às representações do coronel, do jagunço, do cangaceiro: coragem, destemor, valentia, virilidade. Para Albuquerque Jr. (2003), alimentar esse mito do homem sertanejo como “cabra-macho” é contribuir para alimentar um modelo de masculinidade baseada numa relação entre homens e mulheres que vigora desde o Brasil colônia, e por isso, é naturalizada, tida como eterna.

Segundo Prado Jr. (2011, p. 119), no sertão nordestino ocorreu o maior cruzamento entre o índio e o negro: “os que trazem estampados na pele o estigma de uma raça bastarda e oprimida: os negros e seus derivados mais escuros. [...] cruzam-se em larga escala, dando este tipo, o *sertanejo*, de tão singular definição psicológica e étnica” [grifo do autor]. Assim, seja pela influência da raça, ou até mesmo por ser uma região árida, seca e pobre, há uma ideia amplamente divulgada de que a região seria povoada por uma “sub-raça”, enfatizando a superioridade dos estados do Sul/Sudeste em relação aos estados do Norte/Nordeste.

Analisando os discursos sobre o Nordeste, Albuquerque Jr. (2009) mostra como a identidade regional nordestina é inventada como uma “reação viril” perante a passividade das “pessoas” da região. O tipo nordestino surge como um tipo voltado para a preservação de um passado regional, tradicional e patriarcal que estaria desaparecendo e dando lugar a uma sociedade “matriarcal”, efeminada. Conforme o autor, nesse discurso, está se falando do nordestino enquanto homem, um macho, não enquanto palavra que serve para se referir a toda espécie humana, pois a ideia de nordestino que está emergindo é pensada no masculino, não havendo lugar para o feminino nessa figura.

Já a identidade feminina nordestina foi construída em relação ao homem. Com o estabelecimento do homem nordestino como aquele que não tem medo, corajoso, forte e resistente ao clima árido que assola o sertão, em consequência também foi sendo construída a identidade feminina, que igualmente em decorrência das condições de sua região, passou a ser masculinizada, ou seja, a mulher tinha que ser macho para sobreviver aos obstáculos. Segundo Falci (2017), o sertão e seu modo de vida excêntrico, em relação à população do Sul, marcado pela pecuária e ausência do Estado, evidenciava a necessidade do uso da força, da honra e de códigos de conduta que alimentaram a ideia de que as mulheres nordestinas eram masculinizadas, pois só assim sobreviveriam aos obstáculos da região.

Para Albuquerque Jr. (2009), a “mulher-macho” era uma exigência do local, demarcado por uma natureza hostil, em que eram necessários coragem e destemor. Assim, o discurso regionalista cria não apenas o homem nordestino, mas, conseqüentemente, a mulher nordestina, a partir de traços masculinizados, considerados também traços da mulher do sertão.

Nesse ambiente de caatinga, a construção do “ser mulher” não era algo fácil, e a vaidade e os sentimentos como amor, acabavam dividindo espaço com a dor e o medo. Segundo Falci (2017), ao nascer, as mulheres eram chamadas de “mininu fêmea”. Além de trabalhar nos afazeres domésticos, as mulheres também trabalhavam em pequenas indústrias e auxiliavam nos serviços do marido, podendo substituí-lo, caso houvesse necessidade, principalmente quando eles partiam para Sul/Sudeste do país em busca de emprego.

Para Albuquerque Jr. (2003), são esses dois elementos que explicariam a suposta “masculinização” da mulher do Nordeste: a seca e a ausência dos maridos que migram, forçando-as a assumir as tarefas deles, bem como seu lugar na família. Butler (2003) compreende o gênero como parte de um processo de repetição reiterativa, decorrente de uma dinâmica espaço-temporal específica para cada sociedade, que integra uma rede que envolve raça, cor, geração, classe social e

local de moradia. Assim, as mulheres consideradas “viúvas da seca” precisavam aprender a viver e sobreviver neste ambiente considerado masculino diante da ausência do marido.

Embora o sertão nordestino, como apresentado na historiografia de Falci (2017), tenha mudado consideravelmente, o senso comum cristalizou a ideia da masculinização da mulher como algo corriqueiro do lugar, colocando-a num lugar fixo e determinado. Assim, as mulheres do sertão geralmente são associadas à ideia de uma mulher lutadora, resistente à seca, capaz de sobreviver a qualquer adversidade. No entanto, diante das diversas mudanças culturais, políticas e econômicas ocorridas no Nordeste, novas representações podem ser percebidas. Aparecem novas maneiras de retratar este território, a partir de um sertão “globalizado”, com acesso à educação superior, por exemplo, com abertura de *campi* de Universidades públicas, aumento do acesso à internet, além de novos “personagens”. Conforme aponta Moraes (2010), as/os sertanejas/os de hoje não só são as/os retirantes, os vaqueiros, coronéis e messiânicos, mas também outras/os que ainda devem ser incluídos na sua história, como as/os índias/os, quilombolas, cientistas, ciganas/os, agricultoras/es, empresárias/os, travestis.

Sertão de quenga e rapariga – quem são os/as trabalhadores/as sexuais do sertão?

É nesse cenário anteriormente apresentado, povoado por homens virilizados e mulheres masculinizadas que o trabalho sexual aqui analisado surge. Pensando na construção de identidades de gênero e regionais, procurou-se perceber o exercício do trabalho sexual como uma escolha. Conforme Silva e Blanchette (2017), o trabalho sexual muitas vezes é considerado melhor do que outros trabalhos, principalmente os domésticos e de serviço. Por outro lado, ressaltam que o trabalho sexual nem sempre é uma vocação para as pessoas que o exerce, podendo ser entendido como uma posição temporária. Assim, a prostituição foi compreendida como uma ação

do indivíduo que, em determinado momento, foi levado a esta atividade como meio de subsistência.

Inicialmente enfrentou-se certa dificuldade para encontrar participantes para a pesquisa, devido, principalmente, à necessidade que muitas/os têm de manterem-se no anonimato, ou por receio da divulgação de seus nomes. Buscaram-se indicações, perguntando às/aos colegas residentes nos municípios da região se conheciam trabalhadoras/es sexuais. As informações foram fornecidas por profissionais da região, em geral, da área da segurança pública e da saúde. Os primeiros contatos foram realizados a partir de um aplicativo de conversas no celular. As primeiras sugestões foram frustrantes: sempre menores de idade. Este dado reforça a ideia de que a exploração sexual de crianças e adolescentes nas cidades do sertão é enorme, como apontado na pesquisa realizada por Rios et al. (2009). Continuou-se na busca por participantes e no final chegou-se às/aos entrevistadas/os: quatro mulheres e um homem, com idades entre 21 a 30 anos.

As entrevistas, gravadas e depois transcritas integralmente, ocorreram num dos serviços da assistência social que atende a população em vulnerabilidade social ou nas residências dos/as participantes, no ano de 2019, nos dois municípios polos da região.. A partir da técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011) elegeram-se quatro categorias: história de vida e família; entrada no trabalho sexual; espaço de trabalho; e violências e preconceitos. Para cada um/a dos/as entrevistados/as, as unidades de contexto selecionadas das quatro categorias destacadas são apresentadas a seguir.

1 Carla

Carla⁴, 24 anos, foi a primeira entrevistada. Chegou ao serviço da assistência social um pouco retraída, com receio de encontrar alguém conhecido. No entanto, foi exatamente uma profissional de um serviço de saúde que a convidou para participar da pesquisa. Inicialmente relutante, acabou aceitando. Mora com a irmã e dois sobrinhos.

4 Todos os nomes utilizados são fictícios, assim como os nomes de bares e restaurantes apresentados a seguir.

Carla é natural de um município pequeno próximo. Relata ter ido morar na cidade atual por ser maior e por acreditar que teria mais oportunidades de emprego. Tem uma irmã mais velha que mora com ela, e um irmão mais novo que continua morando com o pai na outra cidade. A mãe faleceu quando ela ainda era criança, vítima de um câncer. Com isso, as dificuldades financeiras em casa aumentaram. O pai vendia lanches na feira, e as meninas precisaram começar a ajudar. Estudar ficou mais difícil, porque estava sempre cansada.

Não tive uma infância ruim, mas talvez triste. Eu e minha irmã começamos a ajudar [meu] pai fazendo os lanches, acordava de madrugada. Depois a gente começou a ir vender também, até na porta do colégio. Fui estudar de noite, mas achava chato. Queria dormir, estava cansada. Ainda tinha tudo da casa pra fazer. [Meu] Pai não bebia, nem batia, mas era grosso, não dava carinho.

Carla conta que começou o trabalho sexual aos 21 anos, quase que como uma brincadeira, levada por algumas amigas. Com a dificuldade após a morte da mãe, parou de estudar durante alguns anos, e concluiu o ensino médio pelo programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebendo que não tinha muita opção de emprego no município. Ela aproveitou para mudar de cidade quando a irmã mais velha se separou. A justificativa foi ajudá-la com os filhos pequenos.

Eu comecei a ir pras festas com as amigas... Numa festa, uns homens começaram a pagar bebida pra gente. A noite toda bebendo e dançando. [...] Aí fiquei com um deles, né? [...] Depois uma das meninas falou que além de pagar bebida, alguns também podiam pagar pra ficar com a gente. Fiquei rindo, mas depois pensei que podia fazer isso mesmo. Comecei pedindo um dinheiro “pra ajudar”, essas coisas que você diz... Aí foi acontecendo...

Carla conta que trabalha no Bar Pink Palace, situado às margens da rodovia estadual que cruza a cidade. É um bar conhecido, afastado do centro, bastante frequentado, inclusive, por policiais. Durante o dia, o local é um restaurante.

Segundo Carla, à noite é um local onde se fazem acordos de trabalho. Bem ao lado há um posto de gasolina e uma pousada. Geralmente os programas acontecem lá. A proximidade com o posto de gasolina faz com que Carla consiga os pretensos clientes no bar. Ela comenta que há poucos motéis na cidade, dificultando a realização dos programas. Mas essa pousada, bem próxima ao bar, não se importa com o fluxo, principalmente nos fins de semana. Para uma cidade que não é essencialmente turística, as pousadas não costumam ter altas taxas de ocupação. Assim, permitir o uso para o trabalho sexual, termina sendo uma vantagem para os donos do local.

Para Carla, há poucas opções de trabalho bem remunerado na cidade, assim, deixar de ser prostituta para trabalhar de maneira formal em um emprego que paga pouco, muitas vezes não é considerado. Carla vai ao Bar Pink Palace cinco dias da semana, de quarta-feira a domingo. Aponta a noite da quarta até a madrugada da quinta-feira como um ótimo dia, pois é quando acontece uma feira rural famosa na cidade, e muitos comerciantes vêm fazer negócios. E assim, elas também fazem muitos negócios. Nesses dias, Carla faz até cinco programas por noite/madrugada.

Carla também menciona momentos em que clientes foram agressivos. Diz que nunca foi espancada, a ponto de precisar de atendimento médico ou registrar queixa na polícia, mas afirma que alguns já passaram dos limites. Houve, por exemplo, momentos de humilhações e recusa do uso de preservativo. Quanto à questão de não pagamento, como geralmente utiliza a pousada perto do bar, isso não é comum, pois no pagamento do quarto, muitas vezes, pode-se incluir o preço do programa.

2 Laura

Laura tem 30 anos. A entrevista foi realizada em sua casa, apesar de um pouco tímida inicialmente, mostrou-se falante e divertida em toda a entrevista. Mora sozinha num bairro próximo ao centro da cidade. Apesar de pequena, a casa é bem equipada.

Laura conta que é de um distrito da zona rural da cidade, mas que não teve dificuldades para estudar, nem passou fome, apesar da família

grande. Laura afirma ter mais sete irmãos. Os pais trabalham na agricultura familiar, e embora não fosse muito, nada faltava. A não ser espaço. Segundo Laura, apesar de um grande terreno, a casa era pequena, e tinha que dividir o quarto com mais duas irmãs. Sentia falta da privacidade. Concluiu o ensino médio numa escola no centro da cidade. E a cada dia que ia, mais queria ficar ali, onde tinha luz, carros e movimento. Assim, ela saiu de casa, mesmo não tendo brigado com a família. Hoje mora na zona urbana, para ficar mais próxima da “agitação da noite”, como ela mesma diz:

Meu pai dava tudo que podia. Mas eu queria mais, né? [...] Eu ia pras festas e via aquelas meninas com roupas chiques, aqueles saltos. E eu também queria, mas não tinha. Não posso dizer que faltou comida, amor em casa, da família. Mas eu queria mais. Queria me sentir bonita, paquerada... Mas faltava algo, né?

Laura saiu da zona rural assim que terminou o ensino médio. Diz que já estava encantada com a vida “na cidade” e que queria ter condições de aproveitar mais. Começou a trabalhar em um comércio, durante a noite. Segundo relata, era cansativo e ganhava pouco, ficava até tarde servindo mesas, e não se sentia à vontade, nem satisfeita com o que fazia. Mas conseguia pagar o aluguel de um quartinho na periferia da cidade. Até que recebeu o convite de uma amiga para conhecer um bar.

Ela sabia que eu não tava gostando do meu emprego, cansada, recebia pouco [...]. Era uma amiga do colégio [...] Aí ela me chamou pra conhecer um bar, numa noite que eu tava de folga [do trabalho]. Ela me disse que era um bar, mas que algumas [mulheres] iam lá pra procurar “homem”. Eu pensei que a gente ia paquerar, conseguir um namorado, sei lá! [espantada/rindo]. Eu sou do sítio! [risos]. Mas aí, ela foi mostrando, explicando. [...] Numa primeira noite pedi R\$ 20,00. E ele me deu! Mais de dez anos atrás, isso era muita coisa [risos]. E isso numa noite, né? Só com um homem. [...] Aí eu não parei mais de ir, e larguei meu trabalho na lanchonete.

Laura reforça a dificuldade em conseguir um local fixo para trabalhar. Ela conta a história do Bar Paradise no qual trabalhava, nas margens de uma rodovia, num povoado a aproximadamente 15 minutos do centro da cidade, que há quase dez anos foi “estourado” pela polícia: *“Todo mundo sabia do bar. Mas naquele dia uma das meninas levou as crianças... aí teve denúncia. [...] Foi uma confusão danada. Fomos pra delegacia. [...] Acabou fechando”*. Como já tinha clientes desde essa época, hoje não precisa mais ficar em bares ou outros lugares: *“Eles tem meu número, ligam, marcam...”*. Para Laura, o tempo que passou trabalhando no bar favoreceu sua situação atual: *“Não preciso ir pra bar, festa, nada disso. Fico em casa esperando a ligação”*. Ela costuma frequentar os melhores bares e restaurantes da cidade, mesmo nos dias em que não está trabalhando, porque gosta de “ver e ser vista”.

Pelo tempo que trabalhou no Bar Paradise, Laura acredita que muitas pessoas sabem do seu trabalho, porém não sabe afirmar se sua família também. Como o cordel utilizado na epígrafe desse texto, as trabalhadoras sexuais são más vistas, principalmente pelas esposas de seus clientes:

Teve uma que já veio me bater no meio da rua. Me chamou de quenga, prostituta. [...] Tem, e tem muitas, que a gente não vai passar fome, né? Só que elas ficam caladas, claro. Não saem dizendo: “Oi, prazer, sou prostituta”. Vão pro bar, pras festas... conversam com o cara, ele paga a bebida. Depois vão pro motel. Ela pede um dinheirinho. Ele saiu com uma prostituta e nem sentiu! [risos]. Entendeu? As “novinhas” fazem muito isso! Pede um dinheiro pra ajudar, aí depois pede roupa, sapato, celular. E os caras dão, né? Olha assim e pensa: “tão bonita, tão educada, não é puta, não!”. Eles acham que puta é como? Tudo velha, acabada? Então é assim. Alguns nem sabem. Bancam as meninas e nem sabem. Se cobrar dinheiro depois do sexo não é ser puta, então é o quê?

Além disso, Laura aponta outra dificuldade, que é ter relacionamentos sérios, fora do contexto de trabalho: *“Os homens aqui ainda tem a ideia*

de mulher de casa, aquela pra casar, e a mulher da rua. [...] Querem fazer comigo o que não faz com a esposa". Além disso, há um preconceito explícito da sociedade. Nesse sentido, as violências sofridas podem ser em razão da profissão e pelo fato de serem mulheres.

3 Alice

Alice tem 21 anos, é natural de uma cidade do sertão da Bahia. Mora no sertão de Pernambuco há dois anos. Já morou em cinco cidades diferentes, entre Bahia e Pernambuco. Não terminou o ensino fundamental. Não tem nenhum familiar na região. Mora sozinha numa casa bem pequena na periferia da cidade.

Alice também é da zona rural, mas de um município do interior da Bahia. Conta que desde pequena tinha a obrigação de cuidar dos irmãos menores, lavar roupa e louça, cozinhar, enquanto os pais estavam na roça. Apesar de não ser a filha mais velha, ela diz que os dois irmãos maiores não faziam o serviço doméstico. Esta situação marca as desigualdades entre os gêneros. Não demorou a começar a namorar e sair de casa, acreditando que mudaria de vida. Parou de estudar. Alice foi mãe aos 15 anos, e após alguns anos de violência doméstica, deixou o marido.

Eu estava em outra cidade, sem conhecer ninguém. Porque ele me levou pra morar perto de um primo, e era longe da casa de [minha] mãe. [...] Era de tudo! Ele bebia, aí dava tapa, murro, puxava meu cabelo. Eu não tinha com quem falar. [...] Um dia que ele dormiu, peguei dinheiro na carteira dele e fui embora. Deixei minha filha com [minha] mãe e mudei de novo de cidade.

Alice relata que começou o trabalho sexual ainda menor de idade, após sair de sua cidade. Segundo ela, não tinha muita opção: pouca escolaridade, longe da família, e sem querer retomar o passado de atividades domésticas, optou por fazer trabalhos sexuais: *"E eu gosto! [risos]. Descobri que sou boa nisso!"*. Diferente de Carla e Laura, que foram levadas por pessoas conhecidas, Alice fugiu de casa, dormiu nas ruas, e nesses diferentes contextos de vulnerabilidade,

encontrou como uma alternativa de subsistência, o trabalho sexual. Alice não menciona se alguém a explorou no início, principalmente porque ainda era adolescente, dizendo apenas que no momento tem uma boa quantidade de clientes, e que quer aproveitar enquanto ainda é "nova" para ganhar o máximo de dinheiro que puder.

Alice diz que sempre procura as festas gratuitas nas cidades mais próximas, mas que também vai às festas privadas. Segundo conta, nessas festas é que consegue seus clientes. Após umas danças, uns goles de bebida, acabam saindo para o encontro. É geralmente a partir dessas festas, conta Alice, que ela acaba conseguindo seus "clientes fixos".

4 Mônica

Mônica tem 28 anos, e relatou ter saído de casa ainda adolescente para ir morar com alguns amigos. Hoje reside com seu companheiro, que trabalha numa fábrica de gesso. É natural do município em que foi realizada a entrevista. Afirma que vem de uma família muito católica, e que isso pode ter reforçado as adversidades com os familiares.

Mônica relatou que desde criança tinha trejeitos considerados femininos, mas que eram justificados pelo fato de ser o filho mais novo entre quatro mulheres. Assim, sua casa era permeada por várias figuras femininas: mãe, irmãs e sua avó. Porém, reafirma que a liderança da casa era do pai, que muitas vezes reclamava do seu comportamento, que parecia não ser agressivo o suficiente. Mônica afirma que foi difícil reconhecer que não era feliz em casa, com sua liberdade cerceada.

Às vezes eu saía de casa e não queria voltar. Assim... Era bom, minha família. Mas eu não podia ser eu de verdade. Lembro de uma festa que eu fui com minhas irmãs, e eu vi aquela mulher linda, loira, e as pessoas olhavam e algumas riam. Aí eu vi que era uma travesti. E eu vi de perto pela primeira vez. E ela passava, com um sorriso assim, nem aí, balançando o cabelo, junto das amigas. E eu pensei: nossa, pode, né? Eu queria ser daquele jeito, sabe? E em casa, meu pai nunca ia aceitar. [...] Na escola eu conheci uns meninos que eram gays, e ficamos

amigos. Eu ia pra casa de Daiana com eles, era uma liberdade, eu ficava feliz ali. [...] Aí eu ia pra casa, meu pai ficava perguntando onde que eu tava, com quem tava. [...] Eu não queria mais mentir, saí de casa. Minha mãe ficou arrasada. Mas não me chamou de volta, nunca conversou comigo sobre isso.

Mônica começou a tomar hormônio feminino sem orientação médica, aos 16 anos. No ano seguinte, saiu de casa, assim que terminou o ensino médio. Relata que o dia a dia na casa dos amigos era bom, mas todos tinham dificuldades em arrumar emprego. Trabalhou por um tempo num salão de beleza de um dos amigos, lavando cabelos, coisas mais simples, já que não tinha experiência, nem cursos na área. Porém, o dinheiro era pouco. Conta que em alguns momentos difíceis cogitou voltar para a casa da família, mas tinha medo da reação do pai. Apesar de tudo, diz que só começou a realizar trabalhos sexuais após os 18 anos.

Foi difícil pra mim entender que era uma prostituição! Porque eu saía com eles porque gostava, sabe? Uma paquera num bar, numa festa, e depois você vai fazer sexo. Qual o problema nisso? Eu era maior [de idade]. Nenhum, né? Mas a maioria me deixava dinheiro. Diziam: “pra você comprar um lanche”, “pra você comprar uma roupa”, essas coisas. Aí pensava: “Nossa, ele gosta de mim, se preocupa comigo”. A gente é boba, né? [risos]. Mas aí aquilo foi aumentando, aumentando... E eu percebendo que realmente ganhava dinheiro.

A opção de Mônica não foi trabalhar em bares, preferindo as festas das cidades. As festas das cidades do interior são famosas⁵: vários dias de evento, atrações nacionalmente célebres, pessoas das cidades vizinhas comparecem em grande número.

Mônica fala sobre vender seu corpo (ou alugar como costuma dizer algumas vezes). De qualquer forma, há uma compreensão do trabalho como

um acordo entre pessoas em que se dá sexo (às vezes também carinho e afeto) por dinheiro. Relata também as diversas violências que sofreu, principalmente no início da sua transição corporal, quando começou a ter traços mais femininos, que ainda conflitavam com seu passado de performance masculina. As violências foram de vários tipos: agressões por parte de alguns clientes; deixar de pagar após o trabalho; batidas policiais, que levavam seu dinheiro arrecadado com os programas; além de xingamentos em via pública. Por causa da saída brusca de casa, tem pouco contato com a família, e não sabe se eles têm conhecimento do que faz. O ciclo de amizade próxima também é composto por alguns trabalhadores sexuais.

5 Júnior

Júnior tem 26 anos, foi até o serviço da assistência social com seu carro, e estava bem arrumado. Trabalhou em alguns comércios na cidade, mas não quis mais. É o único entrevistado que está fazendo um curso de nível superior. Ainda mora com os pais, que sabem que ele é homossexual.

Júnior é natural do município de realização da entrevista, e entre os trabalhadores sexuais, possui certo prestígio, pois teria como clientes alguns políticos e empresários da região. Mais de uma das mulheres entrevistadas mencionaram seu nome. Júnior se destaca pelo corpo extremamente bem cuidado, pela educação, fala inglês razoavelmente bem, veste roupas de marcas caras e tem carro próprio. Tudo, segundo ele, conquistado com o dinheiro de seu trabalho. Questionado sobre essa imagem de homem do sertão como viril e macho, Júnior argumenta:

Tem muito viado aqui, menina! Muitos [ênfase]. Mas assim, incubado, né? Vai ali em [diz o nome da cidade], tem um monte de travesti! Um monte! O problema... O problema é que pode até ser viado, mas tem que ser bonito, arrumadinho,

⁵ Para ter uma ideia da proporção das festas nessas cidades, com pouco mais de 70 mil habitantes, a cidade de Ouricuri é famosa na região pela festa do padroeiro que acontece em janeiro. Neste ano de 2020, dentre algumas atrações teve: Gustavo Lima, Xand Avião e Márcia Felipe. Já Araripina é conhecida pela festa de São João. Por causa da pandemia da Covid-19, no ano 2020 a festa foi cancelada. Porém, no ano de 2019, as principais atrações foram: Wesley Safadão, Xand Avião, Gustavo Lima e Anitta. Todos os shows são gratuitos e acontecem em parques públicos das cidades.

educado. Por isso eu estudo, entendeu? Pra ter o que conversar. Eles gostam. Tu sabe, né, que a maioria dos clientes é casado! Aí já viu! Se a esposa souber, se a família souber, Deus nos acuda! Aí eu sou discreto, eles sabem que não falo nada. Acho que a fama veio daí, né? [risos]. Não posso reclamar. Mas é muito difícil, sim. A pessoa num lugar como esse, de uma família tradicional, é muito difícil vencer no meio de um sertão desse aqui. E sendo bicha, mais ainda né? Mas não posso reclamar.

A entrada de Júnior no trabalho sexual segue uma linha parecida com a de Mônica. Inicialmente encontros com supostos ou pretensos namorados, que deixavam dinheiro ao final da noite. Júnior não começou o trabalho sexual por falta de dinheiro, como gosta de esclarecer. Ele pondera que ainda mora com os pais, e não lhe falta o básico. A escolha, segundo ele, é porque não quer trabalhar numa loja da cidade, vendendo sapatos ou outra coisa. Prefere terminar o ensino superior e que depois poderá se dedicar a outro trabalho, porque, por enquanto, a renda com o trabalho sexual é boa, conforme relata.

Ao ser questionado se conhece outros homens trabalhadores sexuais na região, Júnior diz que são poucos, principalmente homens, que fazem programas com mulheres, os conhecidos “michês”: *“Mulher aqui tem homem fácil, vai pagar pra quê, né? [risos]”*. No que se refere aos homens que fazem programas com outros homens, Júnior diz que alguns são heterossexuais, e que “só fazem programas”. Para ele, há uma diferença entre sua orientação sexual pessoal (como ele, que é homossexual no dia a dia) e aqueles que namoram mulheres, mas fazem programas com homens, apenas por questão financeira.

Júnior sempre retoma a ideia de que tem uma família bem estruturada, que está fazendo curso de nível superior, e não quer os empregos que existem na cidade. Também tem uma lista de contatos, e diz que nunca procurou serviço em bares ou restaurantes. Acredita que muitos o contatam a partir de indicações de outros clientes.

Ele também relata que sofreu preconceitos na escola e na família por ser homossexual, mas

por nunca ter sofrido nenhuma violência física, se considera com mais sorte do que muitos amigos: *“Os momentos difíceis que tive foram até pequenos, se comparar com uns amigos”*. Além da discriminação por sua orientação sexual, também tem pelo seu trabalho. No entanto, acredita que por causa de sua “fama” de ter relacionamentos com políticos e empresários da região, as pessoas passaram a aceita-lo mais: *“Eles agora tem medo do meu suposto amante, de falar algo pra mim, de me xingar, e meu namorado [ênfase] descontar [risos]”*. Esses supostos clientes/amantes seriam pessoas influentes na região, que personificam o coronelismo histórico existente no Nordeste. No entanto, apesar de sua história, Júnior ressalta que a homofobia na região ainda é muito grande. Ele acredita que um dos motivos para isso é a construção histórico-cultural do homem do sertão como valente e macho.

Analisando o trabalho sexual no sertão nordestino

O sertão é uma região com características heterogêneas e com profundas desigualdades sociais. Além disso, a ausência de determinadas políticas públicas pode condenar a população pobre que vive da agricultura a condições precárias de vida, principalmente nos períodos de longas secas. Essa imagem do sertão definido apenas pela sua natureza, pela seca e terra rachada é repetida reiteradamente, e toma efeito de verdade, materializado nas relações de poder (FOUCAULT, 1979), e termina justificando o argumento de miséria e pobreza das/os sertanejas/os.

A partir das análises das entrevistas, realizou-se uma discussão que intersecciona o gênero com outros marcadores sociais da diferença, como sexualidade e região. Estes marcadores permitem lançar um olhar interseccional (BRAH, 2006) para o trabalho sexual em cidades do sertão nordestino, foco escolhido para análise.

No imaginário social, “ser mulher” no sertão representa a figura do feminino que passou boa parte de sua vida confinada ao ambiente da casa e subordinada à autoridade masculina, como foi a infância e parte da adolescência de Carla e Alice,

além de Mônica, mesmo que ainda no gênero masculino. Todas tiveram seus comportamentos cerceados pelos pais. Essas imagens são propagadas e, na maioria das vezes, aceitas como representação do sertão. Porém, como nos alerta Thompson (1998), é preciso ter cuidado com as generalizações, pois esse suposto consenso pode ofuscar contradições sociais e culturais, oposições existentes dentro de um determinado conjunto. Afinal, a esta imagem da mulher do sertão se contrapõem as outras, já que “ser mulher” é apenas uma “marca” dentre tantas outras.

Dessa forma, pouco se tem atentado para o apagamento das múltiplas subjetividades. O termo “mulher” pouco significa na representação das diversidades dos sujeitos, posto que, ao ser mulher, não se é apenas isso: “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que se esse alguém é” (BUTLER, 2003, p. 20). Em comum, por exemplo, Laura e Alice tinham apenas a infância na zona rural em cidades do sertão nordestino. Com passados divergentes, suas histórias acabaram tomando um mesmo rumo: o do trabalho sexual.

Falar do sertão nordestino implica falar da construção de uma identidade regional. A/o sertaneja/o também é produto de determinadas relações de poder, em que se cruzam elementos regionais e de gênero. Na construção da/o mulher/homem do sertão, a masculinidade se estabelece em rígida oposição à feminilidade. Isto porque, “o nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste, até as mulheres são macho, sim senhor!” (ALBUQUERQUE JR., 2003, p. 20).

Foi possível perceber nos discursos apresentados que as mulheres não são necessariamente as “mulheres machos” do sertão. Existem mulheres que adoram vestidos, saltos altos, maquiagem, bijuterias, como em qualquer outro lugar. Da mesma forma, não existe no sertão apenas a mulher pobre, resistente à seca, sem vaidade. Mahmood (2005, p. 131) aponta que a “capacidade de agência pode ser encontrada não só em atos de resistência às normas como também nas múltiplas formas em que essas normas são incorporadas”, e assim, a resistência à seca, à fome e à pobreza pode ser realizada de diferentes formas, que não apenas na manutenção da imagem da mulher com traços masculinizados.

Como pontua Albuquerque Jr. (2009), apesar de a identidade nordestina ter sido construída para a preservação de um passado regional, tradicional e patriarcal, o que é reafirmado nos discursos das histórias de vida dos/as entrevistados/as, a partir de diferentes percursos familiares, é que a ideia do masculino como o detentor do poder ainda persiste, mas este poder tem sido questionado constantemente. Segundo Albuquerque Jr. (2003, p. 163), ainda há a imagem de “macho por excelência” construída em relação aos nordestinos, porém, as performances de Mônica e Júnior descontrolam essa imagem.

Para Butler (2000), o gênero não está passivamente inscrito sobre o corpo. A autora apresenta a ideia da “performance”, ou seja, os atores estão no cenário, e assim como uma trama pode ser representada de diferentes formas, requer texto e interpretação, com isso o corpo sexuado faz sua parte em espaços culturalmente definidos, interpretando dentro dos limites já pré-estabelecidos. Nas performatividades de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são repetidos e consolidados no tempo. Assim, os discursos de transgressão da norma nem sempre são um movimento linear e coerente, como os apresentados pelos/as entrevistados/as.

Silva e Blanchette (2017) atentam ao fato de que grande parte dos/as trabalhadores/as sexuais não consideram a prostituição como a “última das opções antes da morte”. Assim, alguns/mas podem descrever o trabalho como desagradável, mas que por outro lado possui vantagens em relação a outras ocupações possíveis num determinado cenário. Neste sentido, é possível verificar que os/as trabalhadores/as apresentam histórias de trabalho anteriores à entrada no trabalho sexual, como atendentes de lanchonete, em salão de beleza ou como vendedores de lojas, como é o caso de Laura, Mônica e Júnior, respectivamente. De outra maneira, o trabalho sexual nem sempre é considerado o pior trabalho do mundo, e de acordo com os/as entrevistados, pode ser o que permite a saída de outras relações de trabalho que são entendidas como mais opressivas, mais violentas, e mais objetificantes.

Outro ponto importante apontado por Mônica refere-se à diferença entre o trabalho sexual e a economia sexual. No trecho apresentado anteriormente, Mônica menciona que, inicialmente, recebia algum dinheiro para sua manutenção, principalmente para compra de comida, e com o passar do tempo seu ganho foi aumentando, e com isso afirmando sua posição na prostituição. Piscitelli (2011) reforça que o trabalho sexual pode incluir modalidades de trocas que não se confundem com a prostituição. Segundo a autora, há situações nas quais o sexo pode ser trocado por diferentes bens, incluindo presentes, roupas, celulares, viagens, pagamentos de aluguel, contas médicas, visitas ao cabeleireiro, compras de alimentos, que no Brasil são popularmente conhecidos como “ajuda”.

Através dos discursos das/os entrevistadas/os, ficou clara a não utilização dos espaços públicos para o trabalho sexual. Diferente das cidades grandes, em cidades pequenas como as pesquisadas, parece não haver “pontos de prostituição” nas praças e bares⁶. Os espaços públicos são utilizados como pontos de encontros, mas não é onde se realiza o ato em si. Nenhum/a dos/as entrevistados/as revelou ter feito programas na rua, em praça ou até mesmo dentro dos carros; embora afirmem que isso possa acontecer, frisam que não é o comum. Também não há locais estritamente utilizados para o trabalho sexual – são sempre “bares”, mas não há bordéis. Não foi possível identificar se em algum momento existiu locais específicos para a prática da prostituição.

Carla, por exemplo, trabalha num bar e acredita ser importante diferenciar que não é um bordel, pois não há quartos para a realização dos programas, e, também, porque há clientes ali que não estão atrás de serviços sexuais. Como as cidades são pequenas, dificilmente a polícia não tomaria conhecimento desses estabelecimentos. Dessa forma, o que existem são bares em que as mulheres fazem os acertos dos programas, que geralmente são realizados em pousadas ou motéis das cidades.

No que se refere ao trabalho a partir de bares/restaurantes, Leite (2009) aponta que, muitas vezes,

a prostituição acontece a partir do suporte de outros serviços, principalmente com a venda de bebidas alcoólicas. Ou seja, além de garantir a diversão dos clientes, a bebida oferecida pelas mulheres é uma das formas de aumentar a lucratividade dos bares/restaurantes. Assim como aponta Leite (2009), as entrevistadas confirmam que algumas abordagens acontecem nas mesas dos bares, onde perguntam se os clientes podem pagar uma bebida, e, conseqüentemente, o encontro é acertado. Essa é uma maneira de driblar a falta de um local específico, e fazer com que os donos de bares/restaurantes permitam as atividades das mulheres, pensando no aumento do seu próprio lucro e sem ter nenhuma responsabilidade com elas.

Todos/as apontaram que o pouco número de motéis nas cidades, além do fato de “todo mundo se conhecer”, dificulta o acesso aos estabelecimentos. Por isso, preferem trabalhar em cidades próximas, mas não naquela na qual residem, mas isso não é regra. Como estratégia, podem marcar com o cliente num lugar, mas sair para o encontro em outra cidade, dando preferência aos motéis que ficam às margens das rodovias, fora dos centros das cidades.

O trabalho sexual e, sobretudo, a prostituição, estão submetidos às questões de violência cotidianas. Pateman (1993) aponta a teoria de que a prostituição não é uma questão de sexo e dinheiro, mas de poder e subordinação. Para a autora, a discussão sobre a prostituição deve ser pautada nas relações de gênero, relacionando o comércio do sexo com a inclusão das mulheres na sociedade civil, que foi realizada por subordinação – do corpo, do sexo e da diferenciação sexual.

A discussão apresentada insipidamente acima não é pauta deste estudo, mas percebe-se que colocar as/os trabalhadoras/es sexuais sempre na posição de vítimas também é uma construção que reforça o estigma de que não são pessoas com capacidade para compreender o mundo e buscar alguma alternativa de saída. Assim, a análise sobre as violências e preconceitos parte da compreensão da existência de violências (física, simbólica) no

6 Excetuam-se os postos de gasolinhas localizados nas rodovias federais (BR). No entanto, nenhum/a dos/as entrevistados/as referiu ter trabalhado nestes locais.

trabalho sexual, e verificou-se que podem fazer parte do cotidiano das/os entrevistadas/os.

Além da coação, do estigma e do preconceito, várias práticas discriminatórias fazem parte do cotidiano das/os trabalhadoras/es do sexo, “indo desde a violência simbólica até as agressões físicas” (RUSSO, 2007, p. 502), assim como a própria ameaça de a violência acontecer pode causar sofrimento psicológico, como angústia. Russo (2007) afirma que as prostitutas apresentam seu corpo e dele se aproveitam como objeto para a realização de um serviço. Assim, ao realizar o serviço, recebem algo com que possam cobrir o custo de suas necessidades diárias, mesmo que sejam apenas as mais básicas, como alimentação e moradia.

Diante dos discursos apresentados, os/as trabalhadores/as sexuais podem sofrer além de violências físicas, a violência psicológica, praticada através de humilhações, desqualificação ou ofensas verbais e morais. Russo (2007) aponta que, na prostituição, a quebra do contrato e o não pagamento pelo programa podem denotar uma desvalorização total da/o prostituta/o, pois os serviços ofertados não seriam identificados como profissionais. Assim, profissionais do sexo que trabalham em lugares diferenciados e que atendem clientes de forma personalizada, podem ter valores individualizados. Esse é o pensamento de Júnior e Laura, por exemplo, que preferem ter uma lista de nomes já conhecidos, do que sair à procura de outros, em locais que não sejam “bem frequentados”.

Considerações finais

Esse breve estudo buscou analisar o trabalho sexual em duas cidades do sertão pernambucano. O questionamento que pode ser feito é como foi possível pessoas escolherem essa profissão, ganharem dinheiro e serem felizes com isso, nessa região. É necessário deslocar o foco da questão para que a desconstrução do sertão e das/os sertanejas/os seja realizada, abrindo portas para experiências de gênero e espacialidades diferentes. Pode-se perceber a necessidade de uma investigação que realize a intersecção entre gênero, sexualidade e regionalidade, através dos significados sociais, históricos e culturais construídos sobre a influência do local em que é praticado.

O trabalho sexual pensado como práticas sexuais especiais e incomuns povoa o imaginário social. Assim, refere-se à prática de serviços sexuais, como prazer, fantasias e sexo. Esse trabalho é exercido através de negociação com o cliente, e os preços podem variar de acordo com a performance da/o profissional. Importante ressaltar que não foram encontradas indicações de que a entrada no trabalho sexual aconteceu a partir de força, chantagem ou violência. Nos casos aqui apresentados, o acesso foi relatado como sendo “por contra própria”, mesmo que algumas vezes tenham sido oferecidos por círculos de amizade. Os principais motivos para a entrada estão ligados às questões econômicas, à busca de acesso a bens materiais ou relações sociais, à “falta de emprego”, além das formas sociais de reprodução das relações de gênero e familiares, corroborando as ideias apresentadas por Silva e Blanchette (2017).

Os aspectos discriminatórios existentes no sertão em relação aos/as trabalhadores/as sexuais não podem ser ignorados, pois existem muitos elementos que apontam para dificuldades, violências e impossibilidades nos discursos apresentados. No entanto, eles/as também desafiam padrões de masculinidades e feminilidades construídos como “verdadeiramente” regionais. A própria noção de que a masculinidade é um elemento central na composição da identidade regional deve ser flexibilizada, uma vez que os sujeitos estabelecem constantes negociações com essas expectativas e com as normas de gênero. As identidades não são compostas como um núcleo, em que um elemento se sobrepõe aos demais. Os contextos sociais, históricos, culturais e geopolíticos formam subjetividades múltiplas e complexas, formando um nó na constituição identitária.

A ideia aqui iniciada é de lançar um olhar que complexifica a região e as identidades de gênero, ao invés de perpetuar a imagem da seca, da miséria, do atraso, da fome. As vozes das/os trabalhadoras/es sexuais destoam dessa imagem do sertão, dos discursos de vitimização, sem cair no outro extremo da total liberalização dos costumes. O que se propôs foi desnaturalizar papéis de gênero e de figuras regionais, pensar a/o sertaneja/o de forma a não reforçar a imagem da fêmea masculinizada e do macho valente e viril.

Conforme sugeriu Mahmood (2005), ao operar as resistências em contextos onde as normas são colocadas em questão ou são sujeitas a ressignificações, pode-se apresentar possibilidades de críticas a uma lógica binária de normalização/subversão e reiteração/ressignificação. Assim, ao tecer formas de vida que não se apresentam, essencialmente, numa resistência na qualidade de subversão da norma, através de gestos mínimos que poderiam ser assumidos como conservadores, os/as trabalhadores/as sexuais podem afirmar diferentes modos de vida e de ação, mesmo estando no centro da normatividade.

Com uma reflexão apenas inicial, sabe-se das enormes lacunas desse estudo. Não se procurou compreender as condições de trabalho, os fatores de risco e de proteção à saúde, os pormenores das negociações de valores e da violência no trabalho, entre outros pontos relevantes. Acredita-se que o primeiro passo foi dado: a visibilidade das/os trabalhadores/as sexuais do sertão. Elas/es existem, resistem, e engendram modos de viver e sobreviver num contexto, em que para algumas pessoas, seria impossível viver.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, Elder Patrick Maia. *A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina*. 385f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2009.

AMADO, Janaína. “Região, sertão, nação”. In: *Estudos Históricos*, vol. 8, nº 15, 1995, p. 145-151.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. In: *Cadernos Pagu*, nº 26, jan./jun. 2006, p. 329-376.

BRANDÃO, Tanya M. Pires. “O vaqueiro: símbolo de liberdade e mantenedor da ordem no sertão”. In: MONTENEGRO, Antonio T. et al. (Orgs.). *História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008, p. 121-134.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Resolução nº 115, de 23 de novembro de 2017. Brasília, DF: *Diário Oficial da União*, ed. 232, seção 1, p. 26-27-34, 05 dez. 2017.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

_____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 241-277.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Semiárido Brasileiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?edicao=16195&t=sobre>. Acesso em: 27 mar. 2020.

_____. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina A. *Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAHMOOD, Saba. *Politics of piety: the Islamic revival and the feminist subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

MORAES, Fabiana. *Os sertões: um livro-reportagem*. Recife: Cepe, 2010.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PISANI, Cido. *Confecção de um livro-reportagem sobre prostituição*. Joinville: Clube de autores, 2011.

PISCITELLI, Adriana. “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de, OLIVAR, Jose Miguel Nieto (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Coleção Encontros, 2011, p. 537-582.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIOS, Luís Felipe et al. *O enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no sertão do Araripe Pernambucano*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

RUSSO, Gláucia. “No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos”. In: *Revista Caderno CRH*, vol. 20, nº 51, 2007, p. 497-514.

SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus G. “Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina”. In: *Cadernos Pagu*, nº 50, dez. 2017, e175019.

SORJ, Bila. Prefácio. In: MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.